

Entre a história e o cinema

Anderson Zalewski Vargas¹

Quando o historiador se dedica à tarefa de criticar a pertinência histórica de um filme, comete um contra-senso, pois com isso arrisca eliminar o potencial estímulo à reflexão de uma obra cinematográfica. O cinema oferece ao historiador aquilo que praticamente inexistente em suas obras: impacto emocional. Ao contrário do que usualmente pensamos, a emoção causada pelas imagens pode gerar uma disposição adequada à análise, à investigação, ao pensamento.

Em certas situações, contudo, é preciso exercer essa antipática e desagradável tarefa. Porque há filmes que tentam ser "históricos", porque há filmes cujos diretores que - repetindo um equivocado lugar-comum - apresentam suas obras como sendo "o que ocorreu". Mel Gibson teria dito que a "A paixão de Cristo" seria a "versão exata" dos fatos apresentados pelos quatro evangelhos. Ao dizer isso, eliminou os obstáculos que permitem ao historiador eximir-se do paradoxal trabalho de avaliar um filme pelos princípios do universo particular da disciplina histórica.

Verdade que Gibson pode ter sido estimulado à violação de fronteiras por uma peculiaridade do Cristianismo. As religiões, em geral, sempre estabelecem uma clara diferença entre o tempo dos deuses e o tempo dos homens. No primeiro, homens e deuses convivem em meio a um mundo perfeito. Um fato sem sentido, um simples capricho divino - como a irritação dos deuses com o barulho de suas criaturas - provoca o término dessa comunhão. No novo mundo, o homem assume uma condição tal como a vivemos hoje, sujeita a doenças, a dores, ao desgaste do trabalho, mas também marcada por alegrias como a da geração de descendentes e pela inteligência criadora de obras admiráveis e terríveis. Tornam-se necessários igualmente ritos, sacrifícios, preceitos garantidores da comunicação e das boas-graças de divindades que, eventualmente, se manifestam aos homens na e pela natureza ou por meio de epifanias.

Cristo não foi uma epifania - ele viveu como homem, entre os homens, na história. Um fato admirável, mas também causador de muitas dificuldades. As teológicas, presentes desde o início do Cristianismo, causaram debates, conflitos e divisões. As intelectuais, nos mundos moderno e contemporâneo,

¹ Professor do Departamento e do PPG em História da UFRGS; Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Texto originalmente publicado no Caderno de Cultura da Zero Hora de 20 de março de 2004.

também provocam debates, conflitos e divisões especialmente por causa de um fato: a disciplina que hoje se dedica ao estudo do passado gradativamente assumiu lógicas e princípios que geram problemas insuperáveis para uma religião especialmente imersa na história humana. A Bíblia, os Novos Testamentos em particular, não são livros de história moderna e não podem ser lidos como tais. Como já foi dito por um arqueólogo-historiador - John Romer -, buscar os ossos de Abraão tem o mesmo sentido para a compreensão desses textos sagrados que buscar pelos de Édipo para estudar psicanálise. A Bíblia fala, ao seu modo, com a(s) lógica(s) de seu(s) tempo(s), do que, aos olhos de um historiador, provavelmente ocorreu. É preciso levar isso conta para que tais livros possam revelar o que apresentam de mais admirável e interessante para a história e também para o cinema.

Gibson ignora isso. Ao exibir seus personagens falando aramaico e latim, contribui para confundir história e cinema, pois obviamente usou esse recurso para conferir credibilidade à sua pretensão de expor a verdade sobre a Paixão. Isso torna o filme vulnerável a críticas muito simples. Por que o diretor optou pelas representações tradicionais de Cristo - com seus longos cabelos - e de Maria e de Maria Madalena - vestidas como freiras - sabidamente anacrônicas? Por que privilegiou a versão do evangelista João quando da cena da conversa - em latim... - de Jesus e Pilatos? E como é possível uma "versão exata" dos fatos relatados nos evangelhos canônicos, os quais sabidamente divergem entre si em muitos momentos?

Fazer essas perguntas a Mel Gibson, e considerar suas respostas, seria tratá-lo como um historiador, ou como um erudito teólogo, e não como um cineasta. Além disso, tal gênero de questões pode deslocar a atenção do público dos méritos do filme. Um deles é a apresentação de uma incômoda experiência aos olhos modernos. O termo grego *páthos*, ligado ao latino *passione*, designa uma experiência na qual o homem é *paciente* e não *agente*- por isso foi desde cedo associado às emoções. O Cristo de Mel Gibson é um ser apaixonado - ele tem o doloroso conhecimento de seu destino e submete-se, penosamente, a ele. Um historiador moderno, com sua preocupação em afirmar o caráter transformador de sua disciplina, provavelmente não verá com bons olhos tal espetáculo. Qualquer coisa que ameace o sonho de absoluta autonomia e liberdade parece incômodo e inadequado. Por isso, a história frequentemente ignora uma dimensão considerável e importante da experiência e da condição humana. "A Paixão de Cristo", nesse sentido, pode ser uma obra interessante para um historiador e mesmo para um leigo.

Também pode sê-lo pela liberdade que toma ao *criar* cenas da vida cotidiana de Jesus, o que não podemos conhecer por nenhuma documentação histórica ou pelos evangelhos canônicos. Inseridas como lembranças do próprio Cristo e de Maria quando do terrível martírio, tais cenas acentuam de uma forma

admirável o aspecto dramático da vida de um homem que foi ao mesmo tempo divino. Quando a Maria de Gibson é levada a lembrar - pela terrível queda de Jesus sob o peso da cruz - de cena análoga de seu filho ainda criança, podemos imaginar a dor de por ela sentida e a paradoxal existência de ambos.

Por fim, ao se pretender histórico, "A paixão" reavivou as feridas da conturbada, e muitas vezes terrível, relação entre cristãos e hebreus, há bem pouco tempo serenada. Um anti-semita certamente verá provas, aos seus olhos incontestáveis, da correção de seu desprezo pelos judeus nos próprios textos do Novo Testamento. De nada adiantará um historiador, ou um teólogo, argumentar que não há anti-semitismo nos Evangelhos ou nos Atos dos Apóstolos, mas sim um compreensível conflito entre uma religião nascente e outra já então dotada da autoridade da tradição - nossos preconceitos são incrivelmente infensos a argumentações baseadas em provas empíricas. Outras representações cinematográficas da vida de Cristo, tão dramáticas e mais completas que "A paixão", não suscitaram acusações de anti-semitismo. Essas repercussões do filme de Gibson decorrem mais dos tempos que vivemos, nos quais os perigos da leitura e interpretação literal de textos sagrados pode ser testemunhada em boa parte do planeta e, no nosso caso, assistindo programas religiosos cotidianamente apresentados em nossas tvs.